

# A representação feminina a partir do aprofundamento psicológico de Fedra

Rosana Baú Rabello\* e Marisa Corrêa Silva

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. e-mail: rosanabau@yahoo.com.br

**RESUMO.** Neste estudo trabalhamos com a representação feminina a partir do aprofundamento psicológico da personagem Fedra, no texto dramático *Fedra*, de Racine. Entendemos que, dentro dos estudos literários, a questão dos gêneros tem suscitado grande interesse e tem se desenvolvido grandemente durante as últimas décadas. Percebemos que este exame pode contribuir para os estudos de gênero, visto que apresenta uma representação de feminilidade nos textos dramáticos, levando em conta aspectos de um aprofundamento na psicologia da heroína. Por meio de nossos estudos, concluímos que existem marcas no texto que nos permitem identificar aspectos de feminilidade e que por meio do aprofundamento psicológico realizado no texto de Racine, é possível reconhecer e apontar traços da ambigüidade feminina, construída sobre o alicerce da contraposição entre feminino e masculino.

**Palavras-chave:** texto dramático, representação feminina, aprofundamento psicológico, Fedra.

**ABSTRACT. Woman representation from a depth psychological examination of Fedra.**

This study shows feminine representation from a profound psychological study of the character Fedra in Racine's dramatic play *Fedra*. In literary theory, gender issues have been of great interest and have also experienced great development, particularly in the last decades. This paper intends to contribute towards gender studies by showing the feminine representation in dramatic plays based on a careful psychological examination of the female protagonist. Results show that there are some feminine text markings as well as feminine ambiguity traces which may be recognized and pointed out in the contraposition of feminine and masculine through the psychological study of the character.

**Key words:** dramatic play, feminine representation, psychological deepening, Fedra.

## Introdução

A construção de uma personagem feminina possui certas características que a diferenciam do processo de construção de uma personagem masculina: o conceito de "feminilidade" só pode existir sobre o alicerce da contraposição entre os conceitos de feminino e masculino. Assim, a imagem de mulher, implícita ou explicitamente, depende do contraponto da imagem de masculinidade, uma vez que a sociedade ocidental, calcada em uma ideologia patriarcal, apresenta a questão dos gêneros sob uma divisão binária homem x mulher.

Nos estudos quanto às relações de gênero na representação feminina, como os de Simone de Beauvoir (1968), é possível perceber que certos padrões sociais culturalmente construídos, servem para dominação social e cultural do homem. É possível dizer que as representações de gênero, aparentemente neutras, carregam a ideologia dominante, ou seja, o retrato do masculino aparece

sob uma ótica positiva e o retrato feminino sob uma visão negativa.

Zolin (2003), comentando uma tradução de 1980 de Simone de Beauvoir, afirma que "a opressão está também (...) na crença de que o destino da mulher é ser passiva, uma vez que a passividade integra, irremediavelmente, sua natureza" (p. 188). Tal passividade imanente à natureza feminina vedaria à mulher valores como o heroísmo, a invenção e a criação. Portanto, a representação feminina convencional tenderia a reforçar tais crenças e valores, punindo a personagem que transgredisse as "leis da natureza", ora apresentando-a como vilã, ora destinando-lhe um "castigo" no final da trama etc.

Na peça *Fedra*, de Racine, escrita na França do século XVIII, há a construção da imagem feminina, contraposta à imagem das personagens masculinas, com seus papéis sociais bastante bem definidos. Nessa produção, parece-nos que houve um grande aproveitamento da ambivalência masculino x

feminino, pois os discursos de cada um dos gêneros estão sempre em tensão. O discurso feminino, do desejo e da paixão, encarnado na fala de Enone, a ama, é contraposto ao discurso masculino da razão e da medida, cuja porta-voz, no início da peça, é a própria Fedra.

Racine constrói a imagem de uma Fedra complexa e atormentada pelos seus conflitos íntimos, desvendados por meio dos diálogos com a ama, nos quais é marcada a relação de cumplicidade feminina. A estreiteza das relações entre a rainha e sua ama desvenda muito da psicologia feminina, deixando, muitas vezes, transparecer conflitos interiores, pois, em seus atos e falas, o tempo inteiro, Fedra oscila entre seu amor, sua vergonha, seu arrependimento e seu espírito de vingança:

Tu, que vês a vergonha a que me abato, /Inda não basta? Vênus implacável! / Não pode fazer mais tua crueza. / Calaram tuas setas, tu triunfas. / Cruel! S'inda pretendes nova glória, / Ataca outro inimigo mais rebelde. / Hipólito te foge, e por desprezo / Jamais dobrou joelho a teus altares. / Ofende só teu nome os seus ouvidos. / Vinga-te, oh deusa! Minha causa é tua. / Obriga-o a amar... (Racine, 1964).

É interessante notar que nesse excerto, Fedra assume o discurso de que é preciso vingar as ofensas de Hipólito à deusa do Amor; contudo, é facilmente reconhecível que por trás da intenção de vingança existe um interesse próprio. Vingar-se, fazendo Hipólito amá-la, seria a resolução de seu próprio conflito. Fedra esperava ser um instrumento de vingança da deusa Vênus, e, ao mesmo tempo, o objeto do amor de Hipólito.

É importante notar que o perfil da Fedra raciniana apresenta alguns aspectos culturalmente estabelecidos das representações de gênero, lembrando que o gênero não representa homens e mulheres como realmente são, mas como eles são culturalmente construídos:

Não existe absolutamente uma essência feminina, responsável pela marginalidade da mulher; existe apenas o que [Beauvoir] chama de situação da mulher: o fato de a mulher dar à luz é tomado como a matriz das diferenças entre os sexos. Estando impossibilitada de ir à caça e de dedicar-se a trabalhos pesados em razão das limitações físicas e dos cuidados com o bebê, ela foi privada de afirmar-se em relação à natureza, como fizeram os homens. Como a superioridade, explica Beauvoir (1980), é dada não ao sexo que dá à luz, mas ao sexo que mata, a mulher é tomada como o Outro, contra quem os sujeitos masculinos se afirmam (Zolin, 2003).

Atentos a essa identidade feminina culturalmente estabelecida, debruçamo-nos sobre a figura de mulher construída por Racine, pois é através dela que podemos melhor representar o aprofundamento na psicologia feminina, alcançado por meio do ponto de

vista com o qual Racine decidiu trabalhar. Fedra apresenta-se em um primeiro plano: “Ao escolher para a sua tragédia o título de Fedra e não de Hipólito, Racine já revelou o propósito de aprofundar-se na psicologia da heroína, que passa indiscutivelmente ao primeiro plano” (Magaldi, 1989).

#### A representação feminina

A representação do masculino ou do feminino pode ser percebida por meio de algumas marcas dentro da estrutura textual. No caso de Fedra, a marca feminina pode ser apreendida através dos diálogos que se estabelecem com Enone, em uma relação de cumplicidade caracteristicamente feminina. Podemos entender que nessa situação, o sujeito feminino se firma em relação a outro seu igual, ou seja, Fedra e Enone são mulheres e entendem-se sem que possa transparecer um forte sentido de hierarquia que impeça o reconhecimento dos conflitos de Fedra. Além disso, a rainha, ao lamentar sua infelicidade, reforça o conceito convencional de feminilidade através de seus enunciados: “Paremos. Mais não posso; eu desfaleço. / A luz que torno a ver me fere os olhos; / E meus joelhos trêmulos me faltam. / Ah!...” (Racine, 1964).

A própria solução pensada por Fedra, ao espalhar-se o boato da morte de Teseu, evidencia um comportamento que chamaremos de "manobra", a qual consiste em tentar fazer o outro julgar que escolhe por sua vontade e conveniência, uma opção que, na realidade, realiza o desejo de quem propõe a escolha: dessa forma, Fedra pensa em oferecer casamento a Hipólito para que esse reine no lugar do pai morto. A "manobra", embora revele habilidade e possa ser utilizada por personagens masculinas com objetivos políticos (evitar uma guerra, neutralizar um rival), é, em se tratando da esfera da vida privada, associada à situação de falta de poder. Um marido pode ordenar à esposa que faça algo que ele queira; a esposa, para atingir um objetivo, deve preferencialmente, fazer o marido pensar que ele é quem deseja fazer o que ela quer. A mulher que impõe sua vontade através da "manobra" é representada como preferível à "megeira" que impõe, ou tenta impor, sua vontade à maneira masculina, podendo citar como exemplo, as relações entre marido e mulher em romances como *Howard's End*, de E.M. Forster.

É possível reconhecer, portanto, sob a ótica de Racine, alguns temas e padrões de feminilidade recorrentes nos diálogos de Fedra e Enone. Suas confissões amorosas, o sentimento de culpa que ambas carregam, Fedra pelo seu amor proibido, Enone por seus conselhos e cumplicidade, caracterizam a relação de intimidade e quebra de hierarquia entre as duas mulheres.

Existe, então, uma imagem de mulher, construída por Racine, representada pelas duas figuras dramáticas femininas em constante diálogo. A caracterização das duas personagens a partir de um enfoque que promove a aproximação de um ponto de vista feminino, anseios e medos de Fedra, privilegia a visão do gênero em sua diferença sexual e cultural. É interessante notar que Marguerite Yourcenar (*apud* Silva, 2002) já ofereceu a leitura de Fedra e Enone como uma espécie de cisão da mesma personagem, uma representando o discurso do Desejo e a outra, o discurso do Dever. A aproximação entre as duas personagens abre espaço para tal leitura, embora não seja a que adotamos neste texto.

A representação da mulher não é lida como mera representação de indivíduo, mas sim, como representação de feminilidade. Tal representação sempre carrega marcas específicas do gênero, alguns temas recorrentes e, muitas vezes, estereótipos de fragilidade, de sentimentalismo, de falsidade. Essa representação toma grande força em Racine, quando pensamos no desdobramento da Fedra dividida entre a racionalidade e a irracionalidade, sendo que a intimidade com Enone é responsável pelo desvendamento de suas faces diversas. Racine mostra-nos com profundidade os aspectos que a forma feminina pode tomar, sendo que, aqui, podemos falar de formas antagônicas, como racional *versus* irracional, amor *versus* ódio, vontade *versus* obrigação. Nesse contexto, Fedra aparece dividida entre suas obrigações de mãe, seu amor por Hipólito e seus esforços políticos de sucessão ao trono de Atenas, no momento em que se pensava que Teseu, rei de Atenas, estava morto: Assim, cuidando só de lamentar-vos,/ Nutris um fogo que apagar devíeis./ Não vos fora melhor, filha de Minos,/ Em um mais nobre afã buscar sossego?/ Tentar fugir de um adorado ingrato?/ Reinar, e interesses regular do Estado? (Racine, 1964).

É interessante notar que, em Racine, Fedra carrega tanto o discurso que pode ser relacionado a atitudes masculinas quanto a atitudes femininas, entendendo que o discurso "feminino" é marcado pelo desejo e pelo rompimento com o *status quo* (aspectos marcados de conotações negativas), enquanto o discurso "masculino" é marcado pela preocupação com a honra e por atitudes políticas (aspectos com conotação positiva):

O exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininas (...), aponta claramente para as construções sociais padrão, edificadas não necessariamente por seus autores, mas pela cultura a que eles pertencem, para servir aos propósitos da dominação social e cultural masculina. Assim, o feminismo mostra a natureza construída das relações de gênero, além de mostrar, também, que muito freqüentemente as referências sexuais

aparentemente neutras são, na verdade, engendradas em consonância com a ideologia dominante: o engendramento masculino possui conotações positivas; o feminino, negativas (Zolin, 2003).

Percebemos o discurso "feminino", tal qual especificamos, nas atitudes de Fedra, ao declarar seu amor por Hipólito e ao vingar-se dele por meio de mentiras e fingimentos. O discurso "masculino" faz-se perceber pela vontade de manter sua imagem de integridade e pelo discurso político relativo à sucessão do trono de Teseu.

Quando falamos de aspectos de feminilidade, estamos trabalhando basicamente com a crítica feminista, teoria que não trata somente da produção literária de autoria feminina, mas de toda representação do feminino. Desta forma, apresentamos aqui uma construção da imagem de mulher a partir de uma autoria masculina. Essa imagem ainda é matizada por um viés no qual predomina o estereótipo feminino de fragilidade e de capacidade para a perfídia, como uma imagem socialmente marcada. Uma vez que temos maior proximidade com a personagem feminina e entendemos sua psicologia, envolvemo-nos e sentimos pena e horror, pois sua representação é pautada nesse caráter "tipicamente" feminino de perfídia e ardil, segundo a tradição do pensamento falocêntrico.

Alguns desses traços femininos sobre os quais falamos são apontados por Racine pela profunda e íntima amizade entre Fedra e Enone. Contudo, essa relação é responsável por mostrar a face profunda da heroína e permite enxergarmos alguns aspectos de sua psicologia. Essa relação responde, portanto, a um artifício de construção textual e de construção da imagem feminina, a qual Showalter (1986) remonta, sugerindo a importância que as amizades femininas adquirem para a representação do gênero:

Um grande e rico corpus de escritos de e para mulheres articulavam a subcultura no nível ideológico. Tanto o comportamento quanto o pensamento apontam para a criação das crianças, atividades religiosas, educação, vida no lar, associacionismo e um sentimento de comunidade feminina como componentes da subcultura da mulher. Amizades femininas, impressionantemente íntimas e profundas durante esse período, formam os verdadeiros laços (Showalter, 1986).

Pensando ainda sobre as imagens construídas por Racine, em *Fedra* é possível perceber preocupações estreitamente ligadas ao universo feminino, ou melhor, ao que convencionalmente é dado como pertencente a esse universo. Assim, temos os apelos de Enone para convencer Fedra a reagir: "Que horroroso desígnio vos ocupa? Com que jus atentais contra vós mesma? Ofendeis nume, que vos deram vida; Traís o esposo, a que a fé vos une; Traís enfim

os filhos desgraçados, qu'ides precipitar num cativeiro" (Racine, 1964).

Essa representação de gênero, da qual acabamos de falar, é, contudo, articulada à figura de uma mulher política que apesar de enlouquecida pela paixão, é capaz de racionalizar algumas de suas vontades. Vemos, nesse momento, a importância da figura da ama, que insinua à Fedra a importância de reinar: Assim, cuidando só de lamentar-vos, nutris um fogo que apagar devíeis. Não vos fora melhor, filha de Minos, em um mais nobre afã buscar sossego? Tentar fugir dum adorado ingrato? Reinar, e interesses regular do Estado? (Racine, 1964).

Em resposta a esses conselhos, Fedra articula a "manobra", como já vimos, unindo os aspectos político e amoroso para a realização de seus interesses, no caso, a "manobra" tipicamente feminina, que alia a vida privada com a pública e se reveste de uma lógica implacável e de um discurso objetivo: Não sirvas a razão, meu furor serve. Se opõe a Amor um peito inacessível; busquemos outro meio de atacá-lo. Tocavam-no os encantos dum império; Atenas o atrai, vão é negar-se; (...) Fala por mim ao moço ambicioso. Faze brilhar a c'roa ante seus olhos. Cinja na frente o diadema sacro (Racine, 1964).

Nesse momento, podemos estabelecer dois pareceres para a imagem de feminilidade construída por Racine. Um deles é a imagem de uma mulher socialmente oprimida, frágil. Essa imagem é representada pela Fedra do primeiro ato da peça de Racine, a que se opõe ao discurso de Enone. Por outro lado, temos uma "mulher cerebral", a qual, desdobrada a partir do discurso da ama, mostra sua faceta racional por meio de suas preocupações políticas.

Segundo Simone de Beauvoir, as diferenças sexuais são construídas psicologicamente, dentro de um determinado contexto social. Esse contexto também é responsável pela representação de feminilidade que é possível fazer:

Viu-se que, biologicamente, os dois traços que caracterizam a mulher são os seguintes: seu domínio sobre o mundo é menos extenso que o do homem; ela é mais estreitamente submetida à espécie. Mas esses fatores assumem um valor inteiramente diferente segundo o seu contexto econômico e social. Na história humana, o domínio do mundo não se define nunca pelo corpo nu: a mão com seu polegar preensivo já se supera em direção ao instrumento que lhe multiplica o poder (...) (Beauvoir, 1986).

Racine, no século XVIII, teve influências contextuais que possibilitaram uma representação do gênero feminino tal como o fez. Conselheira, intrigante, vingativa, assim se apresenta a mulher que, em Racine, representa um comportamento vinculado ao momento essencialmente cristão no qual se insere sua obra. Desta forma, elementos como pecado,

remorso, culpa aparecem contrapostos aos sentimentos de amor e vingança. Entendemos que a possibilidade de aprofundamento na psicologia de Fedra em Racine se dá em confluência justamente com esse caráter dual da personalidade de Fedra, desenvolvido e esquadrihado por meio dos diálogos que ela estabelece com Enone e que tão bem representam os estereótipos de feminilidade.

## Conclusão

Neste trabalho, desenvolvemos estudo referente à representação do feminino na literatura. Para tanto, nos embasamos na crítica feminista, principalmente sobre apontamentos de Simone de Beauvoir, Elaine Showalter e Hélène Cixous. Contudo, o que nos faz discutir a representação de gênero em *Fedra*? Qual o interesse que essa obra suscita em relação à representação feminina? Como pudemos notar, Racine articula seu texto de modo a dar grande vulto à relação de cumplicidade feminina e com isso, desvendar muito da psicologia de sua heroína. Fedra é um ser devorado pela culpa; a dualidade de seu caráter fá-la oscilar entre o sofrimento oculto; em um estoicismo fundamentado no conceito de "honra", e o mais apaixonado desejo de entrega que a faz mergulhar em um abismo sem volta.

Esses fatores despertaram atenção para um importante instrumento de análise e interpretação do texto literário: a crítica feminista. Entendemos que por meio de tal exercício de leitura, estamos contribuindo para ampliação da discussão nesse campo da teoria, o qual se mostra cada vez mais importante dentro do estudo das teorias literárias.

## Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Circulo do livro, v.1, 1986.
- KRISTEVA, J. *Histórias de amor*. Tradução Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MAGALDI, S. *O texto no teatro*. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989. (Coleção Estudos, n. 111).
- RACINE, J. Fedra. In: *Teatro francês*, volume 28. Trad. Mendo Tricoso. Coleção Clássicos Jackson. São Paulo: umjackson ink. Editores, 1964. p. 87-159.
- SHOWALTER, E: Uma literatura delas mesmas. Tradução Marisa Corrêa Silva. In: EAGLETON, M. (Ed.). *Teoria literária feminista*. New York: Basil Blackwel Ltda, 1986, p.11-15.
- SILVA, M.C. "Relendo o mito de Fedra". In: SANTOS, V.E. (Ed.). *O Trágico e seus rastros*. Londrina: Eduel, p. 123-130. 2002.
- ZOLIN, L.O., Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003, p. 161-183.

*Received on July 26, 2005.*

*Accepted on December 02, 2005.*